

Paixão pelo camp marca arte da perfeccionista Ana Elisa Egreja

Aos 30 anos, a pintora paulista Ana Elisa Egreja é movida pela obsessão. Detalhista, é capaz de passar dois meses diante de uma tela para reproduzir com fidelidade a incidência da luz de um abajur sobre o papel de parede. Quando não está pintando, está diante de outra tela, a do computador, armazenando imagens digitais que mais tarde vai usar. De dois anos para cá, deu para pintar casas abandonadas. Entrou no Google e viu centenas delas em ruínas. Seus moradores haviam morrido ou abandonado o lar. Ana Elisa, então, decidiu restituir vida a essas casas. O resultado pode ser visto em sua primeira exposição individual na Galeria Leme, aberta ontem com o lançamento de um livro sobre sua obra pela Editora Cobogó.

As casas abandonadas trazem vestígios da passagem humana por elas, como na tela *Casa Rosa* (veja acima), em que embalagens de bombons se espalham pelo piso ao lado de um sofá, cuja cor combina com elas e a paisagem que se vê da janela. Com todo esse excesso, a impressão é de que se trata de uma elegia ao camp. E é mesmo.

Camp já foi definido pela ensaísta Susan Sontag como um código particular difícil de descrever, mas fácil de identificar. Luminárias Tiffany, óperas de Bellini e boás de plumas são apenas alguns exemplos. A decoração das casas abandonadas de Ana Elisa poderia estar na lista, ao lado de toda a chinoiserie que deu origem ao camp no século 18. A pintora, cuja técnica excepcional a projetou como uma das principais de sua geração, poderia rigorosamente pintar qualquer objeto. Todo o zoológico que invade as casas abandonadas de Ana Elisa, os azule-



Pretexto. Cor determina a forma da tela

ANA ELISA EGREJA

Galeria Leme.

Avenida Valdemar Ferreira, 130. 2ª a 6ª, das 10 h às 19 h; sáb., das 10 h às 17 h. Até 21/12.

jos, sofás e almofadas são apenas pretextos para a pintura. Ela ainda vai ser abstrata.

Ana Elisa ri ao ouvir isso. Ela, que ama a exuberância das odaliscas de Ingres e a folia cromática de Matisse, acabar na turma de Agnes Martin (1912-2004)? Sim. Vale lembrar que também a minimalista canadense começou com pinturas biomórficas, destruindo todas elas ao ser estimulada por Barnett Newman a embarcar na nau dos abstratos. Aluna de Paulo Pasta, ela cria cenas insólitas apenas para chegar à essência cromática.

“Gosto de criar narrativas com essas imagens que busco na internet, como se fossem colagens.” E elas, na exposição da Leme, incluem um cisne numa banheira (pretexto para pintar suas penas através do vidro) e uma sala com vitrais de igreja. É possível ver nessas telas ecos de um surrealismo tardio (na tela *Honeymoon*, de 2010, um urso panda lê jornal ao lado de dois macacos safados), mas ela argumenta que os bichos apenas sublinham a ausência humana. “Acho divertido imaginar uma casa com almofadas que reproduzem quadros de Giotto e espelhos de Van Eyck.” /A.G.F.